

Pragas na cultura do grão-de-bico no Brasil

Caroline Pinheiro Reyes

O grão-de-bico é uma leguminosa da família Fabaceae, originário da Ásia Menor, de onde se disseminou para diversos continentes ainda na antiguidade. As variedades da leguminosa são classificadas em dois grupos: desi e kabuli. As plantas do grupo desi contêm antocianina (responsável pela coloração avermelhada dos talos e das folhas), os folíolos são pequenos e, em geral, produzem duas a três sementes por vagem. Essas sementes são, na maioria das vezes, coloridas e pequenas. No grupo kabuli, as plantas não possuem antocianina, os folíolos são grandes, uma a duas sementes são produzidas por vagem e as flores são brancas. As sementes desse grupo, geralmente, são maiores e possuem coloração creme.

Atualmente, o grão-de-bico ocupa a terceira posição, em volume de produção, no ranking das pulses (leguminosas de grãos secos), sendo responsável por 10,1 milhões de toneladas por ano, ficando atrás apenas dos feijões, que são produzidos na escala de 21,5 milhões de toneladas anualmente, e das ervilhas, com 10,4 milhões de toneladas por ano. Essas três culturas produzem um montante de 70% da produção global de pulses, sendo que o grão-de-bico é responsável por 17% desse total.

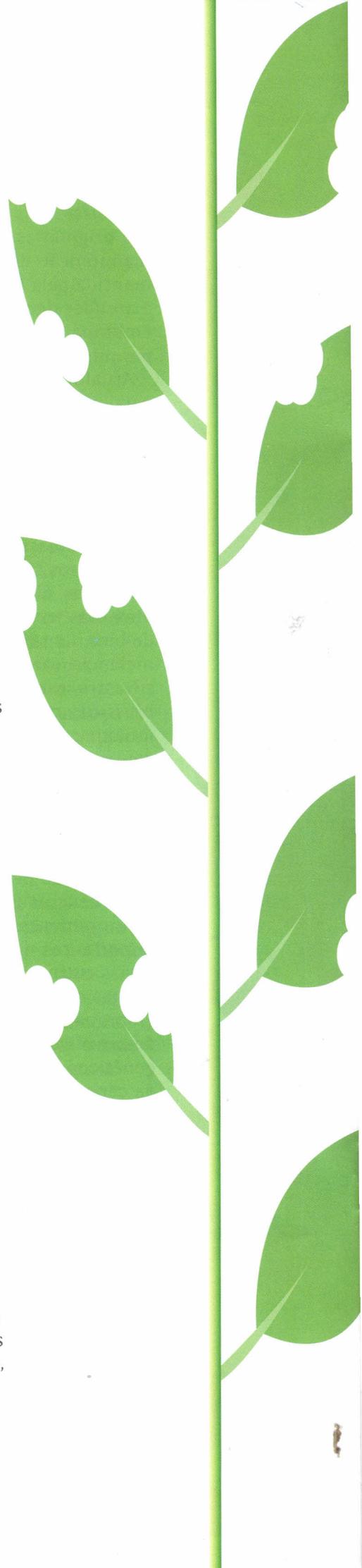
Na Ásia e na África, o grão-de-bico é cultivado como cultura de subsistência, sendo que a Índia detém o título de maior país produtor. As médias de produção em países com tradição de cultivo da pulse giram em torno de 500 a 600 kg/ha, podendo chegar a até 900 kg/ha, valores considerados baixos em razão do manejo inadequado da área e da baixa adoção de tecnologia no campo.

No Brasil, a cultura foi introduzida no início do século XX, porém apenas recentemente teve sua área de produção expandida. Por aqui, a produtividade chega a 3000 kg/ha, constituindo assim uma excelente oportunidade para consumo interno e para exportação, pois o País depende de importações para suprir o consumo anual de oito mil toneladas.

Pesquisas recentes desenvolvidas na Embrapa Hortaliças visam tornar o Brasil autossuficiente e com potencial para exportação, uma perspectiva discutida durante a visita do então Ministro da Agricultura, Blairo Maggi, à Índia no final de 2016. Na ocasião, o país asiático mostrou interesse em importar do Brasil essa leguminosa de grãos secos para atender a crescente e expressiva demanda. Para atender a esse mercado, a projeção é que as exportações cheguem a 30 milhões de toneladas por ano até 2030. Em agosto de 2017, houve a colheita da primeira safra de grão-de-bico destinada a suprir demanda feita pelo governo da Índia.

Ainda naquele ano de 2016, uma das maiores empresas da África – Cevital - manifestou a intenção de importar do mercado brasileiro grão-de-bico, lentilha e feijão branco, ao propor que a Embrapa firmasse acordo com o governo argelino para desenvolver no Brasil cultivares das espécies já consumidas pela população daquele país, aumentando, assim, as possibilidades de exportação da pulse.

Com a abertura desse leque de possibilidades de negociação, o aumento da produtividade e a expansão das áreas de produção, a produtividade aumentando e as áreas de produção se expandindo, os



produtores de grão-de-bico no Brasil começam a se preparar para enfrentar os percalços naturais de produções extensivas, como o aparecimento de insetos-praga.

No chamado Velho Mundo (Europa, Ásia e África), a *Helicoverpa armigera* (Noctuidae: *Heliiothinae*) é a principal praga na cultura do grão-de-bico. Essa espécie é conhecida por causar perdas significativas, especialmente por se associar aos cultivos da época de florescimento até a maturação das vagens. Antes restrita ao Velho Mundo, ela foi detectada em diversas regiões do Brasil em 2013 causando danos às variadas culturas e trazendo perdas significativas nas produções de tomate e algodão. A praga possui alto potencial reprodutivo, pois cada fêmea pode pôr entre 1000 e 1500 ovos quando atinge a maturidade sexual.

No início da década de 1990, eram poucas as pragas reportadas para o grão-de-bico na Ásia e na África. A grande exceção já eram as lagartas de *Helicoverpa* e, apesar dessa espécie ser apontada como a maior praga de grão-de-bico nessas regiões, nas Américas outra lagarta, a *Chloridea virescens*, se destacava atacando as lavouras do grão em Cuba e no México em áreas de cultivo intensivo.

No Brasil, a Embrapa Hortaliças lidera um trabalho exploratório para identificar as espécies dessa subfamília nos cultivos de grão-de-bico no Distrito Federal e em Goiás, onde as áreas de produção estão concentradas, com o intuito de subsidiar tomadas de decisão associadas ao manejo de pragas.

Utilizando armadilhas luminosas e coleta manual de lagartas, foram identificadas nos cultivos de grão-de-bico da região tanto a *Helicoverpa armigera* quanto a *Chloridea virescens*. Para essas duas espécies, as perdas econômicas tendem a ser maiores em cultivares do tipo kabuli, que produzem em geral apenas um grão por vagem.

Determinar quais são os insetos que podem se tornar pragas em uma cultura é atributo fundamental para fazer um bom manejo fitossanitário. A dificuldade de distinguir visualmente as espécies de lagartas que se alimentam nas plantas de grão-de-bico pode levar a erros de produto, dosagem ou modo de aplicação, onerando sobremaneira o controle da praga no campo. Assim, trabalhos exploratórios são necessários, principalmente para culturas recém-implantadas no País para a observação da dinâmica dos insetos, seu padrão de distribuição espacial e a identificação da fauna, ferramentas importantes e que levam a acertos nas



Caroline Reyes

tomadas de decisão e dá subsídios reais para o manejo das pragas nos campos de produção da pulse. Além disso, com os avanços da agricultura, é possível produzir mais alimentos ao mesmo tempo em que se evita a deterioração do ambiente e dos ecossistemas.

Os inseticidas químicos hoje são usados como ferramentas ao lado de outros métodos de controle de pragas e não um substituto a eles. Porém, o uso de pesticidas em lagartas grandes pode ser danoso, matando mais insetos benéficos que as próprias pragas. O uso dos inseticidas no momento adequado é essencial para se obter resultados; as lagartas devem ser controladas quando estão em seus estádios iniciais. Esse “timing” só será possível se os inseticidas e os equipamentos de aplicação estiverem aptos ao uso assim que os ovos ou lagartas pequenas forem detectados em densidades que possam causar níveis de danos à cultura. Isso requer um nível de preparação, conhecimento e observação que não está disponível para a maioria dos produtores, mas que pode ser suprido por treinamentos de técnicos da extensão rural e pela conscientização dos produtores sobre a importância de se usar os inseticidas num contexto mais amplo, dentro do Manejo Integrado de Pragas. 🌱



Caroline Pinheiro Reyes

Engenheira agrônoma

Entomologia

Analista da Embrapa Hortaliças